

A Escola Técnica de Enfermeiras (1940-1968)

The Portuguese Nursing School “Escola Técnica de Enfermeiras (1940-1968)

ÓSCAR MANUEL RAMOS FERREIRA
Professor Adjunto, ESEL, PhD, MSc, RN

Este artigo trata da Escola Técnica de Enfermeiras do Instituto Português de Oncologia, fundada em Lisboa em 1940, a qual tinha como finalidade a formação de enfermeiras polivalentes, isto é, capazes de exercer a sua profissão tanto nas instituições hospitalares como na comunidade, junto das famílias e indivíduos que aí residiam. Com esta apresentação pretendo discutir como surgiu e evoluiu esta Escola, e identificar como procurou influenciar o ensino da Enfermagem e a sua prática a nível nacional e internacional. O âmbito cronológico está compreendido entre 1940 e 1968.

A metodologia seguida incluiu a recolha de informação no arquivo da Escola Superior de Enfermagem de Lisboa – Pólo Francisco Gentil; na biblioteca do Instituto Português de Oncologia; no Arquivo Histórico do Ministério da Educação, no arquivo da Direção Geral de Saúde, no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, na Biblioteca Nacional e no Arquivo da Fundação Rockefeller em Tarrytown, Nova Iorque, entre outros; a caracterização das fontes e a análise da documentação, seu tratamento heurístico e hermenêutico.

Como referências bibliográficas foram utilizadas obras de Magalhães (2004), Nóvoa (1995), Viñao Frago (2007) e Corrêa (2002) e ainda fontes documentais como o artigo de Diniz (1953) e a obra publicada pelo Committee on Curriculum of the National League of Nursing Education (1938).

Verifica-se que a Escola, fundada em 1940, foi planeada a partir de 1935 com a colaboração da Fundação Rockefeller. Os primeiros tempos (consolidação) correspondem ao período que decorreu entre 1940 e 1946. Seguiu-se uma fase de afirmação (1946-1954). Este processo culminou com uma fase de apogeu e abertura desta instituição educativa de enfermagem ao país e ao mundo (1954-1968). A partir de 1968 por motivos da legislação promulgada na segunda metade da década de 1960, a qual melhorou a forma como o ensino de enfermagem era realizado nas instituições educativas dependentes do Ministério da Saúde, ela perdeu a importância que tinha tido como Escola modelo.

Por fim, confirma-se o relevante valor documental e patrimonial do Fundo Documental e Museológico de uma instituição educativa cujo lema foi “aprender para ensinar” ao qual eu acrescento “e profissionalizar”.

Palavras-chave: História da enfermagem, ensino da enfermagem, escolas de enfermagem, Escola Técnica de Enfermeiras.

This article is about the Portuguese nursing school “Escola Técnica de Enfermeiras”, founded in 1940 in Lisbon. Its purpose was to train polyvalent nurses that were able to practice their profession both in hospitals and in the community with the families and individuals who resided there. With this presentation I intend to discuss

how this school was created, how it evolved, and I will also identify how it influenced nursing education and practice both nationally and internationally. The chronological scope of this article includes the years between 1940 and 1968.

The methodology consisted of the gathering of information from different archives, characterisation and analysis of the document sources, and heuristic and hermeneutic treatment. The archives included, among others, those located at Escola Superior de Enfermagem de Lisboa in the Francisco Gentil campus, Instituto Português de Oncologia, Ministério da Educação, Direção Geral da Saúde, Torre do Tombo; Biblioteca Nacional, and the Rockefeller Foundation in Tarrytown New York.

The bibliographic references used several works from Magalhães (2004), Nóvoa (1995), Viñao Frago (2007), and Corrêa (2002) and also primary sources as the article from Diniz (1953) and the work published by the Committee on the National League of Nursing Education Curriculum (1938).

The Escola Técnica de Enfermeiras, founded in 1940, was planned in 1935 with the collaboration of the Rockefeller Foundation. The first phase (consolidation) corresponds to the period between 1940 and 1946, followed by an affirmation phase (1946-1954). This process culminated with a height stage and opening of this nursing educational institution to the country and the world (1954-1968). From 1968 onwards it began to lose its importance as a model school due to legislation enacted in the second half of the 1960s, which improved the way nursing education was conducted in educational institutions under the Health Ministry.

Finally, the importance and documentary value of the Fundo Documental e Museológico is confirmed at an educational institution whose motto was “learning to teach” and to which I add “professionalize”.

Keywords: History of nursing, nursing education, nursing schools, Portuguese nursing school “Escola Técnica de Enfermeiras”.

INTRODUÇÃO

No ano de 1940 foi fundada na cidade de Lisboa a Escola Técnica de Enfermeiras do Instituto Português de Oncologia. A criação desta Escola teve a finalidade de formar enfermeiras polivalentes, isto é, capazes de exercer a sua profissão tanto nas instituições hospitalares como na comunidade, junto das famílias. Com a abertura deste estabelecimento escolar de formação de técnicos de enfermagem exclusivamente do sexo feminino, o país passou a estar dotado de uma instituição educativa de enfermagem que iniciou uma nova orientação no ensino destas profissionais de saúde. Ela seguia de muito perto o modelo de formação anglo-americano, o qual preconizava que as alunas fossem detentoras de cultura e educação elevadas, semelhante às dos jovens que se candidatavam a cursos superiores; que a formação decorresse por um período relativamente longo (três a quatro anos); que as aulas teóricas, teórico-práticas e de laboratório, alternassem com as práticas clínicas, designadas então de estágios, os quais deviam ser selecionados e realizados apenas em função de objetivos educacionais e sob supervisão de docentes enfermeiras devidamente preparadas para a enfermagem e sua docência, pois os fundadores da instituição educativa defendiam que só enfermeiras seriam capazes de ensinar futuras profissionais.

Neste artigo pretendo discutir como surgiu e evoluiu a Escola Técnica de Enfermeiras e identificar como ela procurou influenciar o ensino da Enfermagem e a sua prática tanto em Portugal como no estrangeiro. O âmbito cronológico está compreendido entre 1940, ano da sua criação, e 1968, data em que muitas das outras instituições educativas de Enfermagem do país já possuíam características similares às desta Escola e em que foi criada, na dependência do Ministério da Saúde, a Escola de Ensino e Administração de Enfermagem.

A metodologia que segui incluiu a recolha de informação no Arquivo da Escola Superior de Enfermagem de Lisboa – Pólo Francisco Gentil; no Arquivo Histórico do Ministério da Educação, no Arquivo da Direção-Geral de Saúde, no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, no Arquivo da Rádio e Televisão de Portugal SA, na Fundação Rockefeller em Tarrytown (Nova Iorque), na biblioteca do Instituto Português de Oncologia, na Biblioteca Nacional de Portugal. Procedi à caracterização das fontes e à análise documental, seu tratamento heurístico e hermenêutico.

Como resultado desse trabalho, ao longo deste escrito, dou especial relevo à forma como foi realizado o planeamento desta instituição educativa; ao público a que ela se dirigia; aos planos de estudos que utilizava para atingir os seus objetivos; aos seus primeiros tempos e à forma como se abriu a Portugal e ao mundo procurando influenciar as formas de fazer e ensinar enfermagem. Concluo afirmando que a Escola Técnica de Enfermeiras se desenvolveu numa rede intrincada de relações intra e interinstitucionais, cuja evolução se apresenta marcada pela sua inscrição, tanto na conjuntura histórica nacional como internacional.

O PLANEAMENTO DE UMA ESCOLA DE ENFERMEIRAS POLIVALENTES

A Escola Técnica de Enfermeiras, uma instituição educativa de enfermagem inovadora no Portugal de Salazar, começou a ser pensada na primeira metade da década de 1930, foi projetada a partir de 1935¹ e veio a concretizar-se em 17 de maio de 1940 com a publicação do decreto n.º 30447.

Nas palavras de Hespanha (1982),

uma instituição (. . .) é uma ideia de empreendimento que se realiza e dura juridicamente num meio social; para a realização desta ideia organiza-se um poder que lhe procura órgãos próprios; por outro lado, entre os membros do grupo social interessados na realização da ideia produzem-se manifestações de comunhão dirigidas pelos órgãos do poder e reguladas por regras do processo (p.14).

Magalhães (2004), entende a existência de diferentes tipos de instituições educativas. No caso das escolas elas assumem-se como instituições de formação as quais geram uma afinidade e uma identidade cultural. Para este autor “a instituição educativa é local, tradição, representação (. . .), contexto, materialidade e é apropriação” (p.67).

¹ Cf. Direção Geral de Saúde, Repartição de Saúde, Secção Administrativa. (1929-1935). Correspondência de José Alberto Faria em relação com a Fundação Rockefeller. Volume 1; Lº 37 – Proc.º 178.

Na planificação do novo estabelecimento escolar, estiveram envolvidos a Fundação Rockefeller², a Direção Geral de Saúde e o Instituto Português de Oncologia³. A Direção Geral de Saúde conseguiu para o nosso país as atenções da instituição filantrópica norte-americana, a qual financiou e desenvolveu projetos na área da saúde pública com a finalidade de combater o paludismo⁴ e de abrir um Centro de Saúde modelar⁵, o qual, para além da promoção da saúde, desenvolvia atividades de prevenção e servia como local de ensino para futuros médicos e enfermeiras. Foi no entanto o Instituto Português de Oncologia, na pessoa do Presidente da sua Comissão Diretiva – Professor Doutor Francisco Gentil –, a quem coube junto das instâncias governativas conseguir as condições necessárias à edificação de uma escola de enfermeiras capaz de interessar tanto à instituição que dirigia como à Direção Geral de Saúde, chefiada então pelo Dr. José Alberto Faria⁶.

Para erigir essa Escola e dotar Portugal de um novo tipo de enfermeira, com competências para trabalhar tanto no hospital, quanto nos centros de saúde e dispensários, junto das pessoas na comunidade, a Fundação Rockefeller através da *International Health Division* garantiu, entre 1935 e 1942, a preparação de quatro enfermeiras portuguesas nos Estados Unidos da América e no Canadá⁷. Assegurou também a consultoria técnica por parte de enfermeiras dos seus quadros⁸. A formação de enfermeiras portuguesas na América do Norte tinha como finalidade assegurar a direção de Enfermagem do Centro de Saúde modelo a construir em Lisboa, da Escola e nesta o funcionamento do curso de enfermeiras. A assessoria técnica de enfermagem para a criação da Escola foi assumida pelas enfermeiras norte-americanas da Fundação, mais concretamente Francis Elizabeth Crowell e Ruth G. Taylor, a primeira na fase de projeto do edifício escolar e a segunda durante a instalação do primeiro curso na casa adquirida a título provisório para esse efeito⁹.

Para a comissão instaladora do novo estabelecimento de ensino foi nomeada, em finais de 1939, uma das enfermeiras portuguesas que a Fundação Rockefeller havia

² A Fundação Rockefeller foi fundada em 1913 nos Estados Unidos da América, em Nova Iorque. Esta instituição filantrópica tinha como lema a promoção do bem-estar da humanidade em todo o mundo e tentava atingir os seus fins por meio da investigação realizada na área da saúde, das ciências médicas, das ciências naturais, das ciências sociais e humanas, bem como do apoio à aplicação dos saberes que daí resultavam (Ferreira, 2012).

³ Cf. Direção-Geral de Saúde, Repartição de Saúde, Secção Administrativa. (1936-1938). Correspondência de José Alberto de Faria em relação com a Fundação Rockefeller. Vol.2, L.º 38 – Proc.º190.

⁴ Para aprofundar conhecimentos sobre esta temática consultar: Ferreira, S. J. R. (2008). Benavente: O seu papel no combate ao paludismo em Portugal. Dissertação de Mestrado em História Regional e Local. Lisboa: Departamento de História, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

⁵ Para saber mais sobre este assunto consultar Mendes, J. T. (2009). Centro de Saúde de Lisboa: notas históricas. Ata Pediátrica Portuguesa, Lisboa, 40 (4), 189-193.

⁶ Cf. Direção-Geral de Saúde, Repartição de Saúde, Secção Administrativa. (1938-1941). Correspondência de José Alberto de Faria em relação com a Fundação Rockefeller. Vol.3, L.º 43 – Proc.º496.

⁷ Essas enfermeiras eram Maria Monjardino, Maria Palmira Tito de Morais, Maria Angélica Lima Basto de Lisboa e Maria da Conceição de Lemos de Coimbra (Ferreira, 2012).

⁸ Tratava-se das enfermeiras norte-americanas Francis Elizabeth Crowell e Ruth G. Taylor, nessa época adstritas aos quadros da *International Health Division* e que em diversos países europeus desenvolviam o papel de consultoras de Enfermagem dos projetos de Saúde Pública que a Fundação Rockefeller financiava (Ferreira, 2012).

⁹ Cf. Crowell F. E., *Officer's Diaries, 1926-1940*, Rockefeller Foundation Archives.

formado – Maria Angélica Lima Basto¹⁰. A esta profissional coube com o apoio da assessora de enfermagem da *International Health Division*, Ruth G. Taylor, preparar o primeiro plano de estudos e o regulamento escolar, bem como adequar o espaço de um edifício da Avenida da República¹¹ às necessidades do ensino e de residência para as alunas, procedendo à sua seleção¹². Segundo Magalhães (2004), as instituições educativas refletem nos normativos que produzem os objetivos, o modo de funcionamento, a estrutura física, administrativa e sociocultural. Estas dimensões estão efetivamente explanadas no documento que ambas as enfermeiras então produziram para a nova instituição educativa de enfermagem¹³.

O PÚBLICO-ALVO

Para Fernandes, a escola surge “como um conjunto de práticas, exercitadas por sujeitos qualificados em espaços e tempos qualificados, dispondo de materialidades propiciadoras, da apropriação/desapropriação de saberes, crenças e atitudes, ou seja, da cultura escolar” (2004, p.13). A cultura escolar define-se “como representação e base de uma intelecção da realidade e de uma preparação e mobilização nos planos produtivo, cognitivo, cívico e de humanidade” (Magalhães: 2004, p.122).

Para este último autor “a escola apresenta-se como lugar e instância legitimada para a instrução e a formação” (p.122). No caso da Escola Técnica de Enfermeiras ela oferecia um curso profissional de nível médio que habilitava para o exercício da enfermagem, sendo o seu público-alvo constituído exclusivamente por jovens mulheres cuja idade média rondava os 21 anos (Ferreira, 2012b). Nóvoa (1995), afirma que “as escolas constituem uma territorialidade espacial e cultural, onde se exprime o jogo dos atores educativos internos e externos” (p.16), sendo, para Viñao Frago (2007), os alunos, um dos elementos incluído no grupo dos atores institucionais que conformam tal cultura. À época as alunas da instituição educativa estudada pertenciam a famílias de elevado *status* social e possuíam como habilitações literárias o 2.º ciclo liceal. Com o decorrer dos anos, o processo de massificação do ensino levou este estabelecimento escolar a exigir habilitações mais elevadas às candidatas. Assim a percentagem das detentoras do curso geral dos liceus diminuiu à medida que nos afastamos da data de criação da Escola,

¹⁰ Angélica Lima Basto nasceu em 1906 e faleceu em 1944. Era filha de um professor de Economia Política da Escola Superior Colonial e irmã do médico Edmundo Lima Basto, assistente do Professor Francisco Gentil. Esta mulher era possuidora do curso dos liceus e falava francês e inglês. Na segunda metade dos anos de 1930, com bolsa da Fundação Rockefeller, graduou-se em Enfermagem nos Estados Unidos da América, na Western Reserve University, frequentou o curso complementar universitário de Saúde Pública da Escola de Enfermagem da Universidade de Toronto e um curso especial de Administração Hospitalar. Em Portugal, ela pode ser considerada como a instauradora do modelo de ensino de Enfermagem anglo-americano (Ferreira, 2012).

¹¹ Tratava-se de uma habitação tipo palacete, cuja fachada principal, retangular, dava diretamente para a Avenida da República. Tinha então o nº 18 (Ferreira, 2012).

¹² Para o primeiro grupo de futuras enfermeiras foram selecionadas onze (11) estudantes, que frequentaram o primeiro curso da ETE. Eram elas: “Ángela Maria Saraiva, Fernanda Alves Diniz, Júlia Gascon, Maria Franco da Trindade, Maria Helena Santos Pato, Maria Isabel Catanho de Menezes, Maria Luíza da Silva Neves, Maria Octávia Raposo, Maria Renata Santos Brito, Maria Zélia Quintas Alves e Sara Viana de Castro (Cf. Taylor, Escola Técnica de Enfermeiras, Lisbon, Report, 1941a, abril 18, box 138, Record Group 12.1, Rockefeller Foundation Archives).

¹³ Este documento pode ser consultado no arquivo Histórico do Ministério da Educação e Ciência: Ministério da Educação Nacional; Direção Geral do Ensino Superior e das Belas Artes, Repartição do Ensino Superior e das Belas Artes, 3ª Secção – L.º 20, N.º 810, Fls. 2º vol., Instituto Português de Oncologia: Criação da “Escola Técnica de Enfermeiras do Instituto Português de Oncologia”, 24 de outubro de 1939, p. 3. Regulamento. dact.. Cx. 3058.

subindo as que detinham o curso complementar e as que tinham frequentado cursos superiores. Paralelamente, grande parte das alunas passou a ser proveniente de famílias da classe média que viam na frequência deste curso uma forma de manterem a sua posição social ou de ascenderem um pouco mais (Ferreira, 2012b).

No período estudado, foram admitidas à Escola 529 alunas. Anualmente diplomavam-se cerca de 13 enfermeiras. A percentagem de estudantes que obtiveram habilitações literárias de acesso, no ensino particular, foi sempre superior à das estudantes do ensino superior público, com exceção da década de 1960. A maioria delas provinha de Portugal Continental tendo o distrito de Lisboa fornecido sempre o maior contingente. A taxa de solteiras esteve sempre próxima dos 100%. A maioria não tinha qualquer ocupação e de acordo com a classificação nacional das profissões, os seus pais eram, maioritariamente, pessoal de profissões científicas ou similares; pessoal do comércio e diretores ou quadros superiores administrativos (Ferreira, 2012b). Não posso esquecer que tanto os responsáveis da Fundação Rockefeller, como as líderes da Escola partilhavam a ideia de que para o exercício da enfermagem profissional deviam ser “escolhidas senhoras de esmerada educação, pois mais facilmente se impunham, mais facilmente influenciavam os doentes e, desta forma, mais diretamente contribuíam para elevar o conceito em que a Enfermagem era tida”¹⁴. Dos resultados da análise documental concluí que o corpo discente da Escola Técnica de Enfermeiras era, em regra, constituído por filhas das elites e que se tratava de uma instituição educativa de Enfermagem de elite. O público apresentava globalmente características de homogeneidade as quais foram evoluindo, embora muito lentamente, como reflexo das pequenas alterações que se foram operando na sociedade e meio envolvente. Apesar disso, a Escola nunca deixou de responder às exigências que inicialmente a tinham norteadas e que procuravam criar em Portugal um grupo profissional reconhecido socialmente pela qualidade do serviço que prestava. Tal desiderato só foi possível com mulheres de condição social elevada, tal como era a maioria das estudantes que eram admitidas no estabelecimento de ensino investigado.

O PLANO DE ESTUDOS

Nóvoa (1995) é de opinião que “as instituições escolares adquirem uma dimensão própria enquanto espaço organizacional onde também se tomam importantes decisões educativas, curriculares e pedagógicas” (p.15). Um dos pressupostos visíveis da cultura escolar que ele inclui dentro das suas manifestações verbais e conceptuais é o currículo. O plano de estudos da Escola Técnica de Enfermeiras foi inicialmente definido para três anos, à semelhança do que acontecia na América do Norte (Committee on Curriculum of the National League of Nursing Education, 1938). Posteriormente, em 1956, foi acrescido de um ano de estágio pós-escolar. Este quarto ano tinha como finalidade evitar o choque resultante da transição do papel de estudante para o de profissional, permitindo uma adaptação gradual das diplomadas às funções resultantes do seu novo estatuto¹⁵. Em termos de características, o currículo era muito semelhante ao das escolas de Enfermagem da América do Norte patrocinadas pela Fundação Rockefeller (Committee on Curriculum

¹⁴ Corrêa, B. M. (1965) Discurso proferido no âmbito das comemorações do 25º aniversário da Escola, 18 de maio; fl.3 dact. In: Comunicações aniversárias (Pasta 1); (1945-1965) [AD-ESEnFG] – Série: Comunicações; Cx n.º1; 1945-1990.

¹⁵ Cf. [AD-ESEnFG] – Série: Estágio Pós-Escolar; Cx n.º1; 1955-1991.

of the National League of Nursing Education, 1938) e incluía disciplinas de enfermagem hospitalar, de saúde pública - uma novidade em Portugal, e de áreas das ciências sociais e humanas, destacando-se nestas a Sociologia e a Psicologia. Segundo Viñao Frago, “as disciplinas, matérias ou cadeiras são uma das criações mais genuínas da cultura escolar. Mostram o seu poder criativo e, além disso, possuem a sua própria história” (2007, p.89). Importa ainda acrescentar que para além de inovador, o currículo da Escola soube adaptar-se às exigências que se iam observando na medicina e conseqüentemente na prestação de cuidados tanto no país como no estrangeiro. Para isso terá contribuído a Escola encontrar-se sob a tutela do Ministério da Educação Nacional, através do Instituto Português de Oncologia. De igual modo, pesaram a escola gozar de autonomia pedagógica e muitas das suas docentes de enfermagem se terem especializado no estrangeiro (América do Norte) com o apoio da Fundação Rockefeller. Ao todo, entre 1946 e 1962, foi dada essa oportunidade a 17 enfermeiras que se haviam diplomado na Escola e que aí vieram a exercer, por períodos mais ou menos longos, funções docentes e de direção (The Rockefeller Foundation, 1972). Acresce que tal experiência no estrangeiro lhes permitia uma atualização constante que acabavam por refletir no exercício das suas funções docentes ao criarem enfermarias-escola e ao aplicarem metodologias de ensino-aprendizagem inovadoras e diferentes do habitual no nosso país. Entre esses aspetos inovadores releva-se a integração do ensino teórico nas práticas clínicas, ao contrário do que era habitual na Escola até à década de 1950. A inovação era de igual modo notória pela promoção de conferências a realizar pelas estudantes durante as práticas clínicas; pela elaboração e concretização por parte das alunas de planos de ensino para indivíduos e ou pequenos grupos; pelo recurso a estudos de caso individuais e conferências com cada uma das estudantes; pela solicitação de relatórios referentes a visitas de estudo e a momentos do processo de ensino-aprendizagem que exigiam observação¹⁶. Com estas e outras formas inovadoras para a época, e para o ensino de enfermagem no país, procurava o corpo docente estimular nas discentes uma aprendizagem ativa.

Para Viñao Frago (2007) “as disciplinas (. . .) nascem e evoluem. (. . .) são organismos vivos. E, ao mesmo tempo espaços de poder, de um poder a disputar. Espaços onde se misturam interesses e atores, ações e estratégias” (p. 89). Nestes pressupostos, o percurso do ensino da Sociologia no plano de estudos da Escola ao longo dos anos, é, em minha opinião, paradigmático, dado que reflete a forma como a disciplina era vista e tratada pelo Estado Novo. Vale a pena revisitar essa mistura de interesses entre os diferentes atores envolvidos e a disputa de poder que conduziu as diferentes ações e estratégias em torno desta cadeira ao longo de cerca de trinta anos. *A curriculum guide for schools of nursing*, uma obra norte-americana da autoria do *Committee on Curriculum of the National League of Nursing Education* (1937), compreendia que para as discentes de enfermagem “era valiosa, se não essencial, a aprendizagem de conceitos básicos de sociologia (. . .) de forma a poderem, com fundamento, compreender os problemas sociais e a necessidade da sua resolução”¹⁷ (p.212). As enfermeiras docentes e responsáveis pela direção de escolas de Enfermagem norte-americanas do início dos anos de 1940 estavam, pois, conscientes da importância da lecionação desta disciplina na formação de enfermeiras no geral e

¹⁶ Cf. [AD-ESEnFG] – Série: Relatório de Atividades; Cx n.º1; 1941-1972.

¹⁷ Citação traduzida pelo autor.

de enfermeiras de saúde pública em particular. Conforme Tennant (1935), enfermeira da Fundação Rockefeller, explicitava: “os pré-requisitos para a enfermagem de saúde pública são (. . .) sociologia, (. . .) dado grande parte desse conhecimento ser essencial na preparação de base. Por isso deve ser incluída nos programas básicos de educação dos estudantes de enfermagem”¹⁸ (p.28). No entanto a inserção desta disciplina no plano de estudos do curso de enfermagem da Escola Técnica de Enfermeiras, apesar de planeada desde os primeiros momentos, apenas aconteceu cinco anos após a sua criação quando, Hazel Goff, uma enfermeira norte-americana assumiu a direção da Escola, por morte da primeira diretora¹⁹. Segundo Adérito Sedas Nunes (1988), nessa época,

a sociologia era geralmente considerada inútil e abstrusa. Para os responsáveis do regime não era porém, somente inútil e abstrata, era também e sobretudo perigosa, suspeita, subversiva. Salazar dissera que se tratava de «um socialismo disfarçado» ou de qualquer coisa confusa que «já no seu tempo não se sabia o que era» (p.37).

No Portugal de Salazar, a Sociologia não era reconhecida como ciência social. Enquanto nos Estados Unidos da América ela se ia afirmando tanto a nível institucional como académico, em Portugal, nesse período, pouco ou nada se desenvolveu²⁰. De acordo com Pereira (2007),

a década de trinta, os anos da Segunda Guerra Mundial e do imediato pós-guerra foram, por isso e do ponto de vista do fragilizado campo universitário nacional, tempos de uma negação do social ou, pelo menos, de produção de um seu retrato exclusivamente informado pelos critérios dominantes da doutrina corporativa, a ideologia oficial do regime (p.3).

Porque no nosso país, em 1945, não existia formação universitária em Sociologia, e como tal seria raro a existência de pessoas com competência suficiente para o seu ensino, a primeira docente desta disciplina na Escola foi precisamente a enfermeira Hazel Goff, em 1945²¹. Em minha opinião esta situação revela bem a dificuldade e o melindre da Escola em encontrar e indicar um docente para tal disciplina. Tal acontecimento parece denunciar, no que à Sociologia dizia respeito, o clima social que se vivia nos meios académicos da época.

OS PRIMEIROS TEMPOS

Considero que os primeiros tempos vividos pela Escola correspondem ao período que decorreu entre 1940 e 1946 – tempo de implementação e consolidação da nova instituição educativa no Portugal de Salazar e da enfermagem profissional, dita científica, e do seu ensino no panorama da saúde e da assistência portuguesa, fase em que na opinião do então Administrador do Instituto Português de Oncologia, Mário Neves, a

¹⁸ Idem ¹⁷.

¹⁹ Cf. [AD-ESEnFG] – Série: Estatísticas de Ensino (Lecionação); Dossier n.º1; (1943-1973).

²⁰ No plano nacional, só a partir do final dos anos de 1950 se começou a esboçar um pensamento sociológico sistemático e a perspetivar uma prática sociológica concreta pela ação que resultou de uma pequena oportunidade institucional admitida pelo regime totalitário do Estado Novo. Nessa ação Adérito Sedas Nunes foi o protagonista maior ao criar, com outros investigadores, a revista *Análise Social* (Cf. Pereira; 2007).

²¹ Cf. [AD-ESEnFG] – Série: Relatório de Atividades; Cx n.º1; 1941-1972 e Série: Estatísticas de Ensino (Lecionação); Dossier n.º1; (1943-1973).

Escola recebeu avultado apoio financeiro da Fundação o qual as fontes confirmam. No total 1107350\$00²², o que hoje equivaleria a cerca de 527946 Euros²³, uma pequena fortuna.

Momentos grandes deste período na instituição educativa estudada, manifestações visuais e simbólicas, bem como comportamentais que fizeram parte dos pressupostos visíveis da cultura escolar (Nóvoa, 1995) e que, em minha opinião, a distinguiram de forma indelével com ressonância nos jornais e revistas da época, foram a inauguração em 9 de junho de 1944 das novas instalações da Escola²⁴, cuja construção havia sido iniciada em 1939 com base num projeto arquitetónico que tinha a aprovação das assessoras de enfermagem da *International Health Division*. Foram igualmente notórias a primeira cerimónia de imposição do “cap” em abril de 1941²⁵; a colocação da insígnia da Escola às primeiras diplomadas quando da inauguração do novo edifício escolar (Instituto Português de Oncologia, 1944); e a entrega do diploma às enfermeiras que se tinham formado nos três primeiros cursos em julho de 1945²⁶.

O novo edifício escolar encontrava-se na cerca do complexo hospitalar do Instituto de Oncologia em Palhavã, cujas construções, segundo Pina (2004), se enquadravam na política de obras públicas de caráter social e assistencial do Estado Novo e eram em termos arquiteturais reflexo da sua “Política de Espírito”. O novo edifício escolar representava então um enorme passo para a enfermagem porque não existia em Portugal outra instituição educativa de formação de enfermeiras que apresentasse tais condições²⁷. Parecer idêntico tinha também a deputada Maria Luísa van Zeller, a qual declarava que o novo edifício da Escola Técnica de Enfermeiras se impunha como modelo para construções com finalidades semelhantes²⁸.

A imposição da touca, ou “cap” em inglês, colocação da insígnia e entrega do diploma, constituíam segundo Fonseca (2003), elementos de identidade de cada estabelecimento educativo de enfermagem. Estas cerimónias foram importadas pela primeira vez para Portugal, e nesta Escola, de estabelecimentos similares estado-unidenses e canadianos. Estas cerimónias revelavam-se momentos solenes, onde para além das estudantes estavam presentes os seus familiares e amigos, os docentes, os dirigentes do Instituto de Oncologia e altas personalidades da nação, de entre elas salientando-se o Presidente da República.

Mas nem tudo, nos primeiros anos de vida da instituição educativa estudada, foram momentos de júbilo. Logo em julho de 1944, faleceu inesperadamente a primeira Diretora (Gentil, 1944), deixando vacante um lugar de extrema importância no itinerário que a Escola tinha vindo a desenvolver. O seu desaparecimento surgiu num momento

²² Cf. 1940-1947, folder 12, box 1, Record Group 1.1 e folder 13-16, box 2, series 773C, Record Group 1.1., Rockefeller Foundation Archives.

²³ Cf. Portaria nº 401/2012, de 6 de dezembro.

²⁴ Cf. Basto, M. A. L. (1944). Report, June 30, fl.4 dactilog.; In: Relatórios gerais da escola (Dossier 1); (1941-1952) [AD-ESEnFG] – Série: Relatório de Atividades; Cx n.º1; 1941-1972.

²⁵ Cf. Hill, R. B. to Warren A. J., May 27, 1941, folder 12, box 1, series 773C, Record Group 1.1, Rockefeller Foundation Archives.

²⁶ Segundo o Inspetor de Ensino, a junção de três cursos ficou a dever-se a dificuldades na aprovação do diploma oficial a atribuir às graduadas; as fontes não esclarecem quais foram essas dificuldades (Cf. Instituto Português de Oncologia, 1945a).

²⁷ Cf. Basto, M.A. (1943). Report, December 31, fl. 2 dactilog.; In: Relatórios gerais da escola (Dossier 1); (1941-1952) [AD-ESEnFG] – Série: Relatório de Atividades; Cx n.º1; 1941-1972.

²⁸ Cf. Assembleia Nacional, IV Legislatura, Diário das Sessões. Sessão nº 19 (23 de janeiro de 1946), p.285.

bastante complicado para a instituição. Até essa data tinham-se graduado apenas 16 enfermeiras, seis das quais (as primeiras), havia apenas um ano (Instituto Português de Oncologia, 1945b), e nenhuma delas possuía competências para assumir a direção da Escola. Paralelamente, a Diretora era a única docente que exercia funções a tempo completo. Resolveu esta dificuldade a Fundação Rockefeller, que a rogo do Inspetor de Ensino, lugar então ocupado pelo Professor Francisco Gentil, fez transferir para Portugal uma enfermeira norte-americana bastante experiente – Hazel Goff²⁹. A partir do momento em que ela assumiu a direção da instituição educativa portuguesa, esta passou a ser conhecida como Escola Rockefeller³⁰, nome que perdurou informalmente no tempo. Com esta menção, o prestígio e a reputação da Escola subiram, ajudando à sua difusão³¹.

A ABERTURA A PORTUGAL E AO MUNDO

De 1946 a 1954 considero que a Escola passou por uma fase de afirmação em que gradualmente se começou a abrir a Portugal e ao mundo, sob a direção da enfermeira Alves Diniz a quem a Fundação Rockefeller financiou uma pós-graduação em Ensino e Organização de Escolas de Enfermagem, na América do Norte, de forma a poder substituir Hazel Goff, a Diretora norte-americana (The Rockefeller Foundation, 1972). Durante estes anos a *International Health Division* e os organismos da instituição filantrópica norte-americana que lhe sucederam prestaram um valioso auxílio técnico através das suas assessoras que anualmente visitavam o país e o estabelecimento escolar. Estas enfermeiras peritas norte-americanas davam pareceres sobre a administração, os planos de estudos, as metodologias de ensino-aprendizagem que eram utilizadas e sobre os tipos de experiências de enfermagem que eram proporcionadas às estudantes. Escolhiam, entre as enfermeiras docentes, aquelas a quem financiavam estudos pós-graduados na América do Norte (Corrêa, 2001). Todo este processo culminou entre 1951 e 1967³², com a colaboração da Escola tanto com instituições nacionais como internacionais (Instituto Português de Oncologia, 1961). Após isso, por motivos da legislação promulgada na segunda metade da década de 1960³³, que melhorou a forma como o ensino de Enfermagem era realizado

²⁹ De acordo com Ferreira (2012), esta enfermeira norte-americana não falava português, necessitando do auxílio de uma enfermeira docente que na escola exercia funções de secretária. A essa assistente competia assessorar a Diretora e consequentemente traduzir as suas orientações e lições.

Inicialmente a enviada da Fundação Rockefeller parece ter sido muito bem aceite no Instituto Português de Oncologia e Escola. No entanto, a sua forte personalidade e o não prescindir do exercício pleno das funções de Diretora, lugar para o qual havia sido mandatada pela instituição filantrópica norte-americana, rapidamente levou à criação de um clima de conflito latente com o Presidente da Comissão Diretora do Instituto de Oncologia, então Inspetor de Ensino e Presidente do Conselho Escolar. Tais problemas obrigaram à intervenção de representantes da Fundação junto do Professor Francisco Gentil, embora sem sucesso.

A dificuldade dela se integrar na cultura e sociedade portuguesa, aliada ao afastamento do seu país natal e família, ao desvio e violação de documentação e bibliografia que esperava receber dos Estados Unidos e à falta de apoio que sentia por parte do Presidente da Comissão Diretora do Instituto de Oncologia relativamente à implementação de medidas que como Diretora da Escola julgava mais corretas e imprescindíveis, levou a que permanecesse em Portugal apenas dezoito meses, regressando aos Estados Unidos da América três meses antes da futura Diretora estar preparada para assumir funções.

³⁰ À Escola Técnica de Enfermeiras eram ainda atribuídas outras designações como Instituto Rockefeller e Escola de Enfermeiras de Palhavã (Cf. Assembleia Nacional, IV Legislatura, Diário das Sessões. Sessão nº 187 (7 de janeiro de 1949), p.497).

³¹ Cf. Rockfound, London. to Strode, J. K., October 19, 1945, folder 15, box 2, series 773C, Record Group 1.1, Rockefeller Foundation Archives.

³² Cf. Escola Superior de Enfermagem de Francisco Gentil. (1994). Programas especiais para estagiários externos. 5 fls dact.; Pasta: Estagiárias estrangeiras [AD-ESEnFG] – Série: Contribuições para a história da escola; Cx. n.º1; 1971-1978).

³³ Cf. Decreto n.º 46448, de 20 de julho de 1965 e Portaria n.º 22539, de 27 de fevereiro de 1967.

nas instituições educativas dependentes do Ministério da Saúde, a Escola Técnica de Enfermeiras perdeu a importância que até aí tinha tido como Escola modelo. No período compreendido entre 1954 e 1968, a influência da Escola Técnica de Enfermeiras fez-se sentir tanto em instituições de ensino de Enfermagem, como em instituições de saúde pública e hospitalares; em organismos centrais, primeiro do Ministério do Interior, depois da Saúde e Assistência e também em organismos internacionais. Através de algumas das suas graduadas, o currículo e metodologias de ensino foram exportados para outras escolas de Enfermagem tanto nacionais (ex: Escola de Enfermagem da Cruz Vermelha Portuguesa)³⁴, como de outros países. Como exemplo deste último caso, refira-se a Escola de Enfermagem de São José da Costa Rica (Diniz, 1953; Ferreira, 2012a). Estas profissionais e docentes de enfermagem serviram também de veículo de disseminação do plano de estudos e das metodologias de ensino da Escola Técnica de Enfermeiras sempre que iam criar outras instituições educativas de enfermagem, ou colaborar no seu desenvolvimento. Exemplo disso foram os casos das escolas de Enfermagem do Hospital de Santa Maria em Lisboa; do Hospital de São João no Porto; Dr. Ângelo da Fonseca em Coimbra; S. João de Deus em Évora; de Ponta Delgada nos Açores; e do Hospital Miguel Bombarda em Luanda (Instituto Português de Oncologia, 1961a e 1963). Igualmente, a partir de 1953, a Escola passou a colaborar com organizações internacionais (Conselho Internacional de Enfermeiras, Organização Mundial de Saúde) e organismos e instituições nacionais (Direção Geral de Saúde e algumas Escolas de Enfermagem) no desenvolvimento profissional de enfermeiras e enfermeiros a quem ela oferecia, nas suas instalações e serviços, programas de formação e de observação individualizados. Esses estudos eram dirigidos aos interesses de cada um e tinham por base as funções que se previa irem exercer nas instituições e países de onde provinham, à semelhança do que faziam há muitos anos as escolas de Enfermagem da América do Norte e algumas do centro e norte da Europa que se encontravam sob orientação de enfermeiras da Organização Mundial de Saúde³⁵. Esses programas tinham uma duração habitual entre uma semana e doze meses. No período estudado, beneficiaram desta possibilidade 26 enfermeiros e enfermeiras costa-riquenhos, tunisinos, marroquinos, ingleses, franceses, japoneses, suíços e portugueses (Instituto Português de Oncologia, 1961b). À influência da Escola Técnica de Enfermeiras não escapou também a prestação de cuidados de enfermagem através da qualidade posta na assistência prestada pelas suas alunas, docentes e diplomadas nos locais onde realizavam as práticas clínicas e onde exerciam a profissão³⁶. Também o facto de as enfermeiras diplomadas pela Escola, desde o primeiro curso (1940/1943), terem ocupado lugares de direção em serviços a nível central, nomeadamente no Departamento de Recursos Humanos da Saúde; na Direção Geral dos Hospitais; na Direção Geral de Cuidados de Saúde Primários e noutros que geriam tanto o ensino quanto o exercício da profissão, assim no país, como no estrangeiro onde este estabelecimento escolar era reconhecido dentro do seu âmbito como um dos melhores da Europa (Corrêa, 2001), permitiu à Escola Técnica de Enfermeiras deixar a sua marca na forma como a enfermagem passou a ser praticada e vivida. A essa influência também não foi alheia a implicação das suas diplomadas em associações profissionais como o Sindicato dos Profissionais de Enfermagem, a Liga de Enfermeiras Graduadas da Escola Técnica

³⁴ Cf. Portaria n.º 13833, de 7 de fevereiro de 1952.

³⁵ Cf. [AD-ESEnFG] – Série: Processos estagiários externos (CEG); Cx. n.º 1; (1953-1974).

³⁶ Cf. [AD-ESEnFG] – Série: Relatório de Atividades; Cx. n.º 1; 1941-1972.

de Enfermeiras, a Associação Portuguesa de Enfermeiras e o Conselho Internacional de Enfermeiras, pois como afirma Magalhães (2004),

a identidade institucional tende a projetar-se de forma agregativa, para além do próprio tempo de permanência nas instituições, constituindo fatores de neocomunidades, especificamente por parte de ex-alunos que se organizam em associações. Estes organismos, além de prolongarem e alimentarem uma identidade pela ligação à instituição, também constituem frequentemente uma rede de enquadramento, solidariedade e integração ao mundo laboral (p.147).

Alguns dos aspetos da profissão hoje aceites de forma indiscutível como: a integração da Saúde Pública nos currículos dos cursos de enfermagem; o desenvolvimento de ações de promoção da saúde e prevenção da doença nas Instituições de Saúde por parte dos profissionais de enfermagem; a integração da Saúde mental e a ênfase nos aspetos preventivos nos Centros de Saúde; a educação para a saúde como função da enfermeira e a integração do ensino da enfermagem no ensino superior, faziam parte do ideário da Escola e foram inicialmente defendidos e impulsionados por ela e pelas suas discípulas. Por fim, confirma-se o relevante valor documental e patrimonial do Fundo Documental e Museológico de uma instituição educativa cujo lema foi “aprender para ensinar” (Corrêa, 2001, p.136) ao qual adito “e profissionalizar”.

CONCLUSÃO

A minha intenção com este artigo foi a de tentar desvelar um pouco do véu da história de uma Escola de Enfermagem que considero ter tido um importante papel no rumo que a enfermagem portuguesa trilhou durante o século XX, a Escola Técnica de Enfermeiras, na sua unidade e unicidade institucionais no período que vai de 1935, data em que começou a ser conceptualizada, até 1968, momento a partir do qual ficou impossibilitada de cumprir o seu ideário e de completar o projeto a que se tinha proposto.

Como diz Magalhães (2004), compreender e explicar a realidade histórica de uma instituição educativa (...) é integrá-la de forma interativa no quadro mais amplo do sistema educativo, nos contextos e nas circunstâncias históricas, implicando-a na evolução de uma comunidade e de uma região, seu território, seus públicos e zonas de influência” (p.134) e foi isso que arrisquei fazer muito embora de forma sumária. Para esse autor “as instituições educativas, de forma particular e na sua dimensão sistémica, são realidades dentro de uma outra realidade” (p.62). Elas “constituem realidades em constante transformação interna no e pelo relacionamento com a realidade envolvente” (p.69) e são “produto de um processo multifatorial – económico, social, cultural, organizacional e pedagógico” (p.123). A Escola objeto deste estudo, sendo uma instância complexa e multifacetada tanto na ação quotidiana como na dimensão temporal, gerou e desenvolveu culturas, representações, formas de organização, relacionamento e ação os quais se constituíram como fatores determinantes da sua diferenciação e identidade. A sua história não é possível fora da história do sistema educativo e do sistema de saúde e assistência, no período em análise, constituindo um todo em si mesma. Ela desenvolveu-se numa rede intrincada de relações intra e interinstitucionais, cuja evolução se apresenta marcada pela sua inscrição, tanto na conjuntura histórica nacional como internacional. Contribuiu para o desenvolvimento de outras escolas, tanto nacionais como internacionais através das suas diplomadas que aí

exerceram funções docentes e de direcção. Disso foram exemplo em Portugal as Escolas de Enfermagem da Cruz Vermelha Portuguesa, Ângelo da Fonseca de Coimbra, Dr. Assis Vaz do Porto, do Hospital de Santa Maria em Lisboa, do Hospital de São João no Porto, de Faro, de São João de Deus em Évora, de Ponta Delgada, de Ensino e Administração em Lisboa. No estrangeiro a Escola de Enfermagem de São José da Costa Rica. Para além disto permitiu que entre 1953 e 1968, a pedido da Organização Mundial de Saúde e do Conselho Internacional de Enfermeiros passassem pelas suas instalações vinte e seis enfermeiros, dos quais treze estrangeiros, que aí frequentaram programas individualizados de formação e observação. Tais programas tinham uma duração entre uma semana a doze meses. Possibilitou ainda a diversas escolas de enfermagem portuguesas que as suas docentes realizassem estágios de observação de aulas teóricas, teórico-práticas e de ensino prático nos diferentes serviços onde as estudantes realizavam a sua aprendizagem. Tal possibilidade foi ainda propiciada a diversas enfermeiras que a título individual a solicitaram. Por outro lado a instituição educativa objecto deste estudo divulgou junto de outras organizações escolares de Enfermagem o seu plano de estudos, o qual era com alguma frequência solicitado por pessoal de saúde interessado em organizar escolas do género, até noutros continentes, como foi o caso em 1957 de um médico brasileiro. Em Portugal temos como exemplos os casos do Subsecretário de Estado da Assistência e da Direcção Geral de Saúde em 1955, da Escola de Enfermagem da Cruz Vermelha em 1957 e da Escola de Enfermagem Artur Ravara, dois anos depois, em 1959. A Escola Técnica de Enfermeiras proporcionava ainda visitas de estudo às suas instalações, não só a docentes de enfermagem, como a estudantes de outras instituições educativas e a profissionais de saúde, tanto portugueses como estrangeiros. Exemplo disso, em 1959, foi a “visita de um médico do Instituto Nacional de Cancerologia do México e de uma religiosa que era diretora de uma Escola de Enfermagem de Bilbao, a qual veio acompanhada de um grupo de estudantes espanhóis” (Ferreira, 2012b, p. 372).

Parece-me que a aceitação por Salazar da intervenção de uma instituição norte-americana que pretendia introduzir novas perspectivas, conhecimentos e técnicas foi feita de uma forma muito cautelosa. Salazar só permitiu a homens da sua confiança, como o Dr. José Alberto de Faria, então Director Geral de Saúde e o Dr. Francisco Gentil, Presidente da Comissão Diretora do Instituto de Oncologia e seu médico pessoal, a possibilidade de se envolverem com a Fundação Rockefeller. Mas antes teve oportunidade de apreciar particular e minuciosamente as intenções dos responsáveis da instituição filantrópica norte-americana. Por certo Salazar, nessa avaliação, terá tido o auxílio da polícia política de então, embora as fontes por mim consultadas nada deixem revelar. Até à publicação do diploma legal que autorizou a Direcção Geral de Saúde a entrar em colaboração com a Fundação norte-americana³⁷, José Alberto Faria sempre tratou dos assuntos referentes à Fundação com Salazar. Também sempre que os representantes da *International Health Division* para a Europa se deslocavam a Portugal era habitual serem recebidos em audiência pelo ditador. Exemplo desta prática foi a reunião havida entre ele e o novo delegado da *International Health Division* em finais da década de 1930, quando este visitou Portugal. De forma semelhante, na primeira metade dessa década, os seus colegas Strode e Rolla Hill haviam sido recebidos por Oliveira Salazar.

³⁷ Decreto n.º 22 386, de 1 de abril de 1933.

Julgo ainda que à decisão tomada por Salazar, em aceitar a cooperação da Fundação, não terá sido alheio o facto de esta instituição filantrópica poder ser uma possível fonte de apoio técnico-científico e financeiro para a renovação dos serviços de saúde portugueses, de forma a impedir que no país se morresse de doenças que se podiam prevenir e tratar. E isto numa época em que as fortes contenções orçamentais, impostas pelo ditador, punham em causa tal desiderato. Como retribuição pelos serviços que a fundação Rockefeller se propunha desenvolver o Presidente da República, em abril de 1935, aprovou uma proposta apresentada por José Alberto de Faria visando a concessão do grau de Comendador da Ordem de Cristo a George K. Strode e do grau de Cavaleiro a Rolla Hill³⁸. Essas condecorações constituíam, pois, uma manifestação pública simultaneamente de apreço e agradecimento do Estado Novo e Salazar pelo trabalho que a Fundação, por intermédio dos seus delegados, estava a realizar no nosso País.

REFERÊNCIAS

- Committee on Curriculum of the National League of Nursing Education (1938). *A curriculum guide of schools of nursing*. New York: National League of Nursing Education.
- Corrêa, B. M. (2001). *Imagens e memórias da Escola Técnica de Enfermeiras*. Lisboa: Beatriz de Mello Corrêa.
- Diniz, F. A. (1953). Un proyecto de enseñanza moderna de enfermería en Centro América. *Boletín de la Oficina Sanitaria Panamericana*, 34 (6), 625-635.
- Fernandes, R. (2004) Apresentação, 9-14. In: Magalhães, J. (2004). *Tecendo nexos: História das instituições educativas*. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco.
- Ferreira, O. (2012a). Escuela de Enfermería de Costa Rica (1951-1953): um projeto de Educação em Enfermagem dirigido por uma enfermeira portuguesa. *História da Enfermagem – Revista Eletrônica (HERE)*, Brasília, 3 (1), 75-92. Disponível em <http://www.abennacional.org.br/centrodememoria/here/vol3num1artigo6.pdf>
- Ferreira, O. M. R. (2012b). *História da Escola Técnica de Enfermeiras (1940-1968). Aprender para ensinar e profissionalizar*. Tese de Doutoramento em História da Educação. Lisboa: Instituto de Educação da Universidade de Lisboa.
- Fonseca, J. E. (2003). *Simbologia dos emblemas das escolas de enfermagem em Portugal (no século XX)*. Santarém. Edição do autor
- Gentil, F. (1944). Maria Angélica Lima Basto Hansen. *Boletim do Instituto Português de Oncologia*, XI (8), 1.
- Hespanha, A. M. (1982). *História das Instituições. Época Medieval e Moderna*. Coimbra: Almedina.
- Instituto Português de Oncologia (1944). Discurso da diretora da escola Técnica de Enfermeiras. *Boletim do Instituto Português de Oncologia*, XI (6/7), 5-10.

³⁸ Ordem de Cristo é uma ordem honorífica concedida a personalidades nacionais e ou estrangeiras que no exercício das suas funções tenham prestado serviços relevantes ao país.

- Instituto Português de Oncologia (1945a). A cerimónia da graduação das alunas da Escola Técnica de Enfermeiras do Instituto Português de Oncologia. *Boletim do Instituto Português de Oncologia*, XII (6/7), 1-6.
- Instituto Português de Oncologia (1945b). A cerimónia da graduação das alunas da Escola Técnica de Enfermeiras. *Boletim do Instituto Português de Oncologia*, XII (6 e 7), 5.
- Instituto Português de Oncologia (1961a). Instituto Português de Oncologia: história, planos de realizações, funções e atividades. *Boletim do IPO*, XXVIII (10), 6-9.
- Instituto Português de Oncologia (1961b). Instituto Português de Oncologia: história, planos de realizações, funções e atividades. *Boletim do IPO*, XXVIII (11), 8-11.
- Instituto Português de Oncologia. (1963). A cerimónia da graduação de enfermeiras e da entrega de toucas: palavras da enfermeira Mello Corrêa. *Boletim do IPO*, XXX (8), 8-12.
- Magalhães, J. (2004). *Tecendo nexos. História das instituições educativas*. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco
- Nóvoa, A. (coord.) (1995). *As organizações escolares em análise*. Lisboa: Publicações Dom Quixote e Instituto de Inovação Educacional.
- Nunes, A. S. (1988). Histórias, uma história e a História – sobre as origens das modernas Ciências Sociais em Portugal. *Análise Social*, XXIV (100), (1.º) pp.11-55.
- Pereira, V. B. (2007). *Instrumentalidade, reflexividade e orientação do conhecimento na génese e consolidação da sociologia portuguesa. Um breve comentário a propósito de “For public sociology” de Michael Burawory*. 12p., Disponível em: <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/14181/2/08instrumentalidade000073811.pdf>
- Pina, M.E. (2004). *O laboratório Sanitas: história. Memória. Medicina*. Disponível em: <http://www.fcm.unl.pt/departamentos/histmed/Documentos/Laboratorio%20Sanitas.pdf>
- Tennant, M. E. (1935). *What is public health nursing? A study of the services rendered by the public health nurse and her preparation for this field*. New York: The Rockefeller Foundation and the National Organization for Public Health Nursing, Rockefeller Foundation Archives.
- The Rockefeller Foundation (1972). *Rockefeller Foundation Directory of Fellowships and Scholarships 1917-1970*. New York: Library of Congress.
- Viñao Frago, A. (2007). *Sistemas educativos, culturas escolares e reformas*. Mangualde: Edições Pedagogo, Lda.

Contacto: oferreira@esel.pt